

ANO
NOVO



Senhor!
Mais um ano que principia!
Que não seja mais uma ilusão,
no meio de explosões e temporais
dos bocados, desfeita em cada dia.

Um ano que mereça ser vítrai
por onde o claro sol venha a passar.
Que nele, a humanidade inteira aprenda
a conjugar o verbo amar.

Um ano justo e bom, cheio de abraços
entre as almas e os povos;
Sem manhãs que de súbito anoiteçam
e em que as asas que sobem no espaço
não perturbem no Céu, que a nós desçam
mensageiros de esperança em tempos novos.

Senhor! um ano mais; de ódio isento,
Mas com a Vossa bênção e perdão;
Sem a angústia de ser cada momento,
ameaça e alarme de extermínio.

Menos mendigos, menos vagabundos,
mais hóstias brancas sobre as pedras d'ara,
o mundo em comunhão com outros mundos;
todos os mundos a florir em seara.

Menos discursos, mais verdade; Mais
Humanidade cristã ao pé da Cruz.
Mais ninhos de andorinha nos beirais,
mais pão e rosas, mais azul, mais luz.

Angola, 1-XII-1973.

AMÉRICO SIMÃO PEREIRA

Lição de fidelidade

Na igreja paroquial do Sobrado, no concelho de Valongo, realizou-se, no dia 8, o casamento de José Dias da Silva, de 24 anos, com Maria Cidália de Sousa Moreira, de 21 anos, ele natural do lugar do Covo, e ela do de Fijós, da freguesia do Sobrado. A particularidade que diferencia este acto de tantos outros similares está no seguinte: o noivo, que cumpriu o serviço militar na Guiné, fora atingido por estilhaços dum mina, ficando gravemente ferido — cego e sem mãos. O militar regressou ao Sobrado onde o aguardavam, ansiosos, seus pais, os irmãos e a noiva que, sabendo embora do desastre, não o supôs tão rudemente mutilado. Passados os primeiros momentos de comoção, logo ela lhe confirmou a sua fidelidade e, poucas semanas volvidas, uniam-se pelos laços do matrimónio.

O IV Plano de Fomento na Assembleia Nacional

O nosso ilustre amigo, Sr. Dr. Henrique Lacerda, teve há tempos uma judiciosa intervenção na Assembleia Nacional a propósito do IV Plano de Fomento, então em discussão naquela Câmara.

Arquivamos aqui para os nossos leitores uns pequenos excertos:

«Parece-nos que o interior do País vem sendo, pelo menos por enquanto, menos considerado e avaliado e, sobretudo, que as zonas mais atrasadas continuam a não merecer o vivificador estímulo a que, natural e potencialmente, têm pleno jus.

E não esqueçamos que é sobretudo nessas zonas que o fenómeno migratório é mais agudo e que o abandono do campo e das terras (localidades) é cada vez mais alarmante, com todo o seu cortejo de consequências deploráveis, não só para as regiões abandonadas, como para a economia do País».

«Para além do mais, estamos a pensar neste momento na densa mancha florestal dos concelhos do Norte do distrito de Leiria e de toda a bacia hidrográfica do Zêzere; estamos a pensar nos ubérrimos vales de toda essa região, onde a horticultura outrora foi uma aliciante actividade das suas gentes, que dela se abasteciam, chegando mesmo a suprir ainda necessidades alimentares dos centros urbanos próximos.

(Continua na pág. 2)

CANTO DA MINHA TERRA

MEMÓRIAS DE ESTUDANTE

Uma gargalhada como expressão directa dum rosto feliz! Uma gargalhada repassada; d'ria, fria; que se entranhava nas pedras; que subia os degraus e se entranhava nas casas.

Pela noite e... pelo dia, a gargalhada fria numa cantiga.

Um gesto no erguer os braços queimados; um abrir os olhos e a boca, quase sorrindo; um grito rouco, uns dedos a estalar compassadamente, um corpo magro balançando e a nossa flauta; o homem e a flauta mágica que preenchia as nossas férias; as minhas férias! Um prego anunciador em cada dia; o fantoche da aldeia; o galo das noites silenciosas e solitárias; o regalo da criança; o companheiro de sempre nessas saudosas férias de Natal e Páscoa.

A aldeia o seu mundo; a aldeia que homem acordava, animava, nos dias calmos, frios com a sua fria gargalhada. Muitos o ouviram, eu ouvi a tremer, aquela gargalhada fria, quase feliz; a muitos aqueceu; a mim me aqueceu. Muitos viram; eu vi. aquele corpo esquelético e mágico vacilar pela aldeia que o gerou. Sempre o mesmo! Sempre a mesma cantiga dos seus tempos de moço; e a mesma boca talhada desesperadamente, já insensível, deitando fora velhas músicas nostálgicas e pastoris; buscando outros rumos; ou talvez sonhos que nunca o encontraram. E o

mesmo rosto de descuidada alegria. E os mesmos dedos sujos roçando os lábios. E a mesma cor avermelhada nas faces, indício de euforia. E o mesmo a abrir os olhos húmidos e a fechá-los pr'á luz de melhores dias.

Nas ruas; nos becos; ao anoitecer, os ganhões sorriam de regresso a casa. Nas espigadas havia sempre o despertar um desejo simples, ouvi-lo co'as suas lérias.

Mas... numa noite, longe das férias, talvez numa noite fria e chuvosa, sem serões, nem «estudantes»; numa noite, talvez, em que os cães uivaram de frio, sem jeito, sem cantiga, sem flautas a tocarem; nessa noite o

homem partiu. Tudo dormia e na sua velha casa a chama do candeeiro apagou-se.

Não houveram mais gargalhadas, nem sorrisos, nem boca a cantar cantigas de velhas memórias. Houvera a partida. Houve o silêncio que calou o homem. O homem que faz parte das minhas memórias de estudante e moço. Um facto a marcar as férias habituais na minha aldeia e que me leva a recordá-lo cada vez que lá vou, porque a acho mais triste, sem aquele grito despertador, fatidicamente despertador nos dias d'hoje... de ontem; no dia em que o Zé quis ficar tragicamente calado... mas ser sincero.

J. Afonso Lopes

A VERDADE FERRE... MAS LIBERTA!

«Escândalo da Verdade» é o título dum livro do distinto professor universitário de Coimbra Silva Dias. Lêmo-lo cerca dos anos 50 e ainda recordamos a contradição que nos parecia latente nas duas palavras assim unidas.

Escandalizar pela verdade? Pois exactamente! Compreendêmo-lo bem hoje. Poderemos dizer que ela incomoda, agride, fere, provocando certo escândalo aos instalados, aos dogmatistas aos que têm as suas ideias e que se não abrem à realidade por mais evidente que lhes surja.

Por isso mesmo proclamá-la, alto e bom som, exige decisão e muita coragem e, os que se atrevem, quantas vezes arriscam o martírio ou a agressividade da opinião pública.

A realidade dos factos confirma-o dia-a-dia. Não foi a verdade que levou Cristo ao Calvário?

(Continua na pág. 3)



Nas férias nem tudo é alegria

Noticiário

Por FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Inauguração de electricidade

No passado dia 20 de Dezembro esteve nesta vila o sr. Governador Civil de Leiria. Este ilustre magistrado veio presidir à inauguração da electricidade em 28 aldeias do nosso concelho, das freguesias de Figueiró e Aguda.

Consoada na Escola Preparatória

Num dos últimos dias de aulas da 1.ª época realizou-se nas salas da Cantina a Consoada de Natal de professores, alunos e pessoal auxiliar da Escola Preparatória.

Sob a presidência da Directora daquele estabelecimento de ensino, sr.ª Dr.ª D. Maria Marcelina Armelino, reuniram-se cerca de quatro centenas de pessoas que passaram uma noite de alegre e são convívio.

POR CAMPELO

Segundo nos foi comunicado pelo sr. João Morais Rosa, digno Presidente da Junta de Freguesia de Campelo, já foi recebida na Câmara Municipal ordem de pôr a concurso o alcatroamento do malfadado troço da estrada Fontão-Campelo.



Ria... se quiser

TALVEZ NÃO FOSSE ELE...

— Quem descobriu o Brasil? — perguntou o professor ao aluno mais cábula.

O aluno chorando: — Não fui eu, Sr. professor; não fui eu, não me bata que não fui eu!

O professor riu-se e mandou-o sentar.

Pouco depois, encontrando o pai desse aluno, e como ele se quisesse informar do comportamento do filho, o professor contou-lhe o que sucedera.

O pai respondeu-lhe: — Ó Sr. professor, chegue-lhe, chegue-lhe que ele é tão maroto que é capaz de ter feito isso e muito mais.

Quando chegou a casa contou à mulher o que se passara, e esta, muito aflita, começou a ralhár com o marido e a dizer que o rapaz não era tão mau como ele julgava, que talvez não tivesse feito aquilo, que naturalmente fora outro e agora lhe queriam atribuir a maldade...

ADIVINHAS

1 — Tenho uma casa com doze [damas]
Cada uma tem quatro quartos
Todas elas usam meias
E nenhuma tem sapatos.

2 — Não me podem pôr na rua
Vento ou frio não me importa.
Moro em casas sem janelas
Nunca passo além da porta.

PELOS TRESPOSTOS

No dia 2 de Janeiro foi baptizada a menina Cidalina Maria dos Santos Pais, filha dos srs. Joaquim Pais e Silvina dos Santos, residentes nesta povoação. Foram seus padrinhos o sr. Casimiro Martinho Simões e a menina Isilda dos Santos Pais, também deste lugar.

Parabéns e felicidades para a neófita, seus pais e padrinhos.

Pelo FONTÃO CIMEIRO

Estão de parabéns os srs. José Simões Ribeiro Júnior e Laura da Assunção Ribeiro, que completaram 50 anos de casados no passado dia 29-12-73.

Para festejar as Bodas de Ouro reuniram-se no dia 2 de Janeiro num restaurante de Figueiró dos Vinhos seus filhos, netos, alguns familiares e amigos do Casal em franca e carinhosa confraternização.

Parabéns e longa vida.

OFERTAS PARA A IGREJA

100\$00 — do sr. Cipriano da Silva Brás — Tomar.

100\$00 — do sr. António Passos dos Santos — Lisboa.

440\$00 — da sr.ª D. Felisbela da Conceição Mendes Barreto — Estoril.

2 000\$00 — do sr. Arnaldo Simões Cascas — Guiné.

A todos o nosso muito obrigado.

Devemos referir dum modo especial a oferta do sr. Arnaldo Simões Cascas, pois já tinha dado 2 500\$00 para as obras da Igreja e de novo, aproveitando a sua estadia em Campelo, deixou mais 2 mil para o mesmo fim e 500\$00 para o jornal. Que Deus lhe pague.

Quando se cala, chamam-lhe doido,
Se fala, é um malcriado,
Quando sabe, é um falador,
E se afável, chamam-lhe embusteiro.
Se é cortês, um entretido,
Se é insofrido, um soberbo,
Se é humilde, chamam-lhe cobarde,
Se é resoluto, dizem que é louco,
Se valente, temerário,
Se discreto, presumido,
Se obedece, é adúlador,
Se se escusa, um grosseiro,
Se pretende, é atrevido,
Se merece, ninguém o aprecia,
Se trabalha, é cobiçoso,
Mas se descansa, é um preguiçoso.

Contrariedades da pobreza

A NORA E O SEU SIGNO

Em desuso, embora nova ainda,
A NORA nasceu como órfã da sorte:
Aguarda, inerte, impassível, a morte,
Curtida de dor e saudade infinda.

Activa e útil, na mocidade linda,
A ociosidade é-lhe de difícil porte.
Sim; nasceu sob o signo de *Mavorte*
E a *desdita* para ela não finda.

Heras, silvas e outras trepadeiras,
Aproveitando da NORA as lazeiras,
Peiam-na na rede da urdidura.

E, assim, na involuntária paragem,
A NORA é vítima e fiel imagem
Da crise actual da LUSA AGRICULTURA.

José Rodrigues Dias

Vida do jornal

Durante o passado mês de Janeiro recebemos mais os seguintes donativos para pagamento de assinaturas do «Notícias de Campelo»:

500\$00 — do sr. Arnaldo Simões Cascas, Guiné;

200\$00 — dos srs. Dr. Luís Frias Fernandes, Figueiró dos Vinhos, e Roberto Simões Alves, Angola;

100\$00 — dos srs. José Abreu Nunes, Figueiró dos Vinhos, e Arlindo dos Santos Quintas, Portimão;

80\$00 — do sr. José da Silva Lourenço;

50\$00 — dos srs. José dos Santos Duarte, Carapinheira; Cidalina Martins Duarte, Carapinheira; Albano Joaquim de Jesus, Alfama; José Antunes Branco, Lx.; Susete Cascas, Lx.; Manuel Maria Martinho, Carregado; Sabino dos Santos Loja, Lx.; Américo Henriques dos Santos, Lx.; Ilídia Alves Nicolau, Asseguins; e Aurélio dos Santos Tomás, Bobadela;

40\$00 — dos srs. Joaquim do Rosário Fernandes, Apelação; Carlos Simões Casaca, Amadora; Joaquim Francisco dos Santos, Rio Maior; Lucinda Maria Henriques, França; Manuel da Conceição Relvas, Figueiró dos Vinhos; Carlos Lopes dos Santos, Figueiró dos Vinhos;

30\$00 — do sr. Alfredo dos Reis Silva, Mem Martins;

25\$00 — dos srs. José Francisco, Ribeira Velha; João Ferreira Lourenço, Campelo; e Vítor Manuel Loja Rodrigues, Coimbra;

20\$00 — dos srs. Vitorino Lucas Prior, Fontão Fundeiro; António Lopes, Campelo; Alberto Garcia de Almeida, Torgal; Bernardino Simões David, Vilas de Pedro; José da Silva Abreu, Casal; Augusto Alves dos Santos, Fontão Fundeiro; e Maria José dos Santos, Campelinho.

O IV Plano de Fomento na Assembleia Nacional

(Continuado da pág. 1)

Estamos a ver a floresta de toda essa zona a crescer a esmo, indisciplinadamente, e a arder ingloriamente; estamos a ver as pequenas mas produtivas manchas agrícolas a desaparecerem gradualmente e as populações terem de recorrer aos meios exteriores para proverem à sua própria alimentação, em condições cada vez mais gravosas; estamos a ver o mato, a urze e o tojo a medrarem desmedidamente no vale e na encosta, invadindo perigosamente a floresta e a horta, uma vez que aqueles produtos, outrora largamente aplicados na adubação orgânica dos campos, deixaram de ter qualquer utilidade, dado que hoje se pratica quase exclusivamente a adubação química.

Sr. Presidente e Srs. Deputados: Este, sob certos aspectos, o quadro desolador das zonas interiores do País, designadamente o da mancha florestal do norte do distrito de Leiria e das áreas subjacentes dos distritos de Coimbra e Castelo Branco.

Ora, compulsando o projecto do IV Plano de Fomento, não descortinamos nele quaisquer medidas sérias que possam obviar aos graves inconvenientes apontados. Por isso se impõe corrigir com carácter de compreensível prioridade, tão flagrantes desníveis de desenvolvimento, até porque nas próprias potencialidades sumariadas encontramos vasto campo de actuação.

«Para a prossecução destes objectivos e de outros que venham a ser considerados de oportunos e necessários, impõe-se a nosso ver:

a) A protecção disciplinadora da floresta e a sua defesa contra a calamidade pública que, hoje, é o incêndio florestal, através da montagem e equipamento de eficientes postos de vigia, fixos e móveis, e dos complementares meios de combate ao fogo, sem olvidar o apoio aéreo e, com particular acuidade, as brigadas dos serviços florestais e os abnegados corpos de bombeiros, organismos estes a que urge dar a melhor atenção, já que tudo arriscam e nada pedem, pelo que se impõe conceder ao seu pessoal tratamento de excepção; haverá ainda que estimular a apreciável ajuda das populações, para uma mais eficiente protecção e salvaguarda do nosso rico património florestal;

b) A criação e apoio técnico-administrativo de uma exploração de grupo da floresta, para valorização e melhor aproveitamento dos seus produtos e subprodutos, desiderato que se pode e deve conseguir através da criação de cooperativas florestais do tipo da jovem Cooperativa Florestal dos Concelhos da Sertã, Proença-a-Nova, Oleiros e Vila de Rei, no distrito de Castelo Branco, orientação que o projecto do Plano de Fomento promete tornar extensiva, a curto prazo, a outras áreas do vale do Zêzere, o que se louva abertamente, na esperança de se poder contar brevemente com esse desejado instrumento de valorização, estruturado em moldes que possam servir a economia da região e do próprio País, como é evidente;

c) A criação de centros ou perímetros industriais (já não diremos de parques, porque estes pressupõem uma dimensão que de momento ultrapassa as nossas possibilidades regionais), nos quais se transforme industrialmente a matéria-prima, que é base da economia de toda esta zona desfavorecida (sobretudo o pinheiro e o eucalipto) e se estimulem as indústrias tradicionais da região;

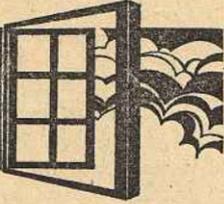
d) A protecção e fomento da precária agricultura regional, que bem carecida está de renovador estímulo, e que pode perfeitamente satisfazer, no essencial, as necessidades de alimentação de quase toda a zona que integra;

e) O desenvolvimento das imprescindíveis infra-estruturas, não obstante o ritmo do progressivo crescimento verificado nos últimos lustros, mas que fica ainda muito aquém do nível mínimo exigido para uma vida decente, sobretudo se pretendermos fazer regressar o emigrante e proporcionar-lhe uma ocupação que o enraíze no seu meio, onde a sua permanência é hoje imperiosa necessidade, como também já se referiu. Neste aspecto teremos, portanto, de encarar a construção e melhoria de rodovias, a par da adequada solução para os problemas de habitação, electrificação, abastecimentos de água, esgotos, etc., já que os problemas de saúde, instrução e cultura começam a desenvolver-se a níveis promissores, apenas com o senão da educação física e recreativa, que está na base do desenvolvimento das modernas gerações.»

f) Finalmente, a par das providências que vêm de se reclamar, pensamos que é de encarar ainda a promoção turística dos meios interiores com especiais aptidões para o repouso salutar e despoluído, para a prática de desportos nas suas albufeiras e para o exercício da pesca desportiva nos seus cristalinos cursos de água, onde existem reservas de trutas e um moderno e funcional posto aquícola para repovoamento daquelas espécies nos rios interiores.

Sr. Presidente e Srs. Deputados: O enquadramento desta política de promoção regional, se bem que não especificamente englobada nos objectivos do Plano, é perfeitamente viável e exequível, se tivermos em mente a maleabilidade do Plano e os ajustamentos que ele comporta. E a adopção de tal política representará, sem dúvida, o arranque do almejado progresso das zonas rurais e eminentemente florestais do Centro interior do País.»

JANELA ABERTA



NATAL TRISTE

O Natal de 1973 pertence já ao passado. E, como sempre, houve ceias lautas, prendas caras; e houve desgraças e lágrimas que não se estancam.

É uma quadra em que tudo tem mais significado.

Todavia, há desgraças que Bradam ao céu. E pergunto: como é possível que num tempo em que se erguem tantos palacetes e circulam milhares de carros, existam miseráveis barracas onde famílias inteiras vivem e sofrem, barracas que ardem em minutos?!

Li uma notícia sumária num jornal que me aterrou: **o fogo devorou, rapidamente, os frágeis tabiques que abrigavam diversas famílias pobres, na Quinta da Serra em Sacavém.**

A 23 horas um homem gritou:

— **Anda fogo na casa do Zé Maria!...**

Abriu a porta do tuqúrio mas as labaredas que saíam de dentro era de formalha ardente.

Num instante, apesar dos socorros dos bombeiros, o fogo avançou e quemou mais três barracas de famílias que ficaram sem lar.

O corpo do Zé Maria estava calcinado. A G. N. R. e a Câmara de Loures faziam diligências para alojar os moradores das barracas destruídas com todos os seus haveres, enquanto nos palacetes se faziam preparativos de Natal com árvores iluminadas onde pendiam bolas douradas, lâmpadas multicores e prendas caras.

No presépio o Menino não sorria a pensar naqueles que, como Ele, não tinham onde deitar a cabeça!

CARTA DE NATAL DE UM MENINO POBRE

Na cidade do México, uma secção de pedidos ao Pai Natal de uma loja de brinquedos da cidade, recebeu uma carta de um menino que dizia:

«Como somos muito pobres e nunca me trouxeste nada, só te quero pedir que me despertes quando passares por minha casa, para eu te ver e poder dizer à minha mãe que bonito és.»

O gerente da loja mandou ao pequenito uma importância em dinheiro, brinquedos e... e um despertador.

Maria Espiñal

ANO SANTO

«O Ano Santo, que na linguagem canónica se chama JUBILEU, na tradição bíblica do Antigo Testamento consistia num ano de vida pública especial, assinalado pela abstenção do trabalho normal, pelo facto de restituir ao estado anterior a distribuição originária das propriedades de terras pela remissão das dívidas em aberto, e pela libertação dos escravos hebreus (cf. Lev. 25, 8 ss.). Na história da Igreja, como é sabido, o Jubileu foi instituído pelo Papa Bonifácio VIII, no ano de 1300, com finalidades unicamente espirituais; e consistia numa peregrinação penitencial aos túmulos dos Apóstolos Pe-

dro e Paulo. Num desses Jubileus participou também o poeta Dante, que descreve a multidão que na altura andava pela cidade de Roma (cf. «La Divina Commedia, Inferno», 19, 28-33). Depois, quando do Jubileu de 1500, juntou-se a abertura da Porta Santa das basílicas a visitar; e isso, não apenas para facilitar a afluência dos penitentes, mas também para simbolizar o acesso mais fácil à misericórdia divina, obtendo as indulgências jubilares.»

(Da alocução de 9 de Maio, em que Paulo VI anunciou o próximo Ano Santo)

Confiemos na Juventude

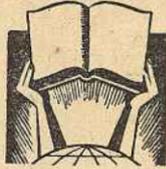
(Continuado da pág. 4)

homens de boa vontade que estão conscientes do vazio encoberto pelo progresso dos nossos dias, digno de admiração, mas comparável a uma torre de majestosa aparência, ameaçada na sua estabilidade.»

Estas palavras do Papa traduzem uma grande compreensão pela juventude dos nossos dias, da qual depende em grande parte o futuro da Humanidade. Se há nela muito de desorientação, de falta de equilíbrio e de superficialidade, há também muito de reacção salutar contra males reais do nosso mundo, de abertura aos grandes ideais humanos e cristãos, e de capacidade de empenhamentos em nobres actividades.

Os adultos devem fazer como o Papa. Em vez de desesperarem de compreender os jovens de hoje — só porque parecem diferentes dos de ontem —, e em vez de só dizerem mal deles, devem procurar compreendê-los em profundidade e dar uma contribuição positiva para que eles façam as suas grandes descobertas da vida e lutem pelos ideais que bem merecem o total empenho das suas jovens energias.

BIBLIOTECA



«Cristãos na Vida Política» — Este livro do conhecido escritor Manuel Useiros, da Editorial Perpétuo Socorro, trata, não da política no sentido habitual, mas do trabalho que o homem cristão deve realizar para o aperfeiçoamento da vida social.

Diz que não pode ficar inactivo, mas interessar-se pela elevação e melhoria da vida humana, nos diferentes sectores da sua actividade. Nos vários capítulos do livro o assunto é tratado com mestria, e merece ser lido.

«Sim e Não a Muita Coisa» — Alexandrino Brochado (Edit. Perpétuo Socorro) reúne neste volume artigos publicados na imprensa. Os assuntos tratados continuam a ser actuais. E por isso não perderam interesse. Dada a sua feição literária, nem sempre se encontra a profundidade que por vezes mereciam e até exigiam.

Não se pode negar que, mesmo assim, presta esclarecimentos que muito interessa conhecer.

«Seus Olhos e Sua Boca» — Este livro de Gabriel Gonçalves Peres (Ed. Perpétuo Socorro) está escrito numa linguagem clara, fácil e por vezes, aliciante.

Trata de de Juventude e de Amor.

Refere casos que nos colocam em frente de acontecimentos actuais, e até do nosso conhecimento.

Apesar de certa feição dramática, e até trágica, que em certos momentos a sua narração adquire, talvez alguns leitores achem as soluções demasiado cor de rosa, pois a realidade é tantas vezes, bem diferente. Mas quando os problemas são vistos à luz da Fé é fácil encontrar uma solução que não seja de desespero.

É o que faz o autor.

A sua leitura pretende e obriga a reflexão.

G. F.



DOIS DEDOS DE CAVACO...

— Ora viva o nosso amigo sr. Torcato!...

— Éh, João, há tanto tempo que te não via... Já pensava que te tivesses zangado comigo. Por onde tens tu andado?

— Eu sei lá sr. Torcato. A gente dá tantas voltas em cada dia, que, quando chegamos à noite, já nem nos lembramos por onde andámos. Como sabe, os meus pais já pouco fazem, devido à sua idade, e eu é que tive de alombar com o trabalho das colheitas. Esta vida é um redemoinho que nos faz a cabeça tonta.

— Dizes bem, João, Hoje vive-se muito pouco tempo e é por isso que as vidas estão mais curtas. Sabes que noutra tempo, era preciso uma semana para ir a Lisboa e voltar. Hoje vai-se lá e volta-se numa meia dúzia de horas.

Noutros tempos ia-se ao Brasil em pouco menos de um mês e agora vai-se lá em poucas horas. Mas a vida gasta-se em preocupações, agitações, discussões edcetra, que vão derretendo os miolos a pouco e pouco.

— Também já pensei nisso, sr. Torcato. Esses homens da política, a correr sete nações num dia, a falar com este e aquele Governo, para pôr água na fervura a esses países em guerra, devem chegar à noite mais cansados do que eu quando ando um dia a plantar bacelo.

— Não tenham dúvida, João, ...e, olha que a canseira da inteligência é mais perigosa do que a dos músculos...

Enfim, ...ainda se valer alguma coisa...

— Olhe, sr. Torcato, eu já não entendo nada disto. Parece o fim do Mundo. Não sei como é que se engendram tantas guerras quando se podia viver em Paz.

— Não sabes?... Olha que é o pecado original que ainda anda a dar os seus frutos. Com ele entrou no mundo a desordem, e na desordem quem vence é o mais valente. Caim logo no princípio, matou o irmão. Assim continuou o mundo

e continua. A maldita soberba e inveja é que levanta as guerras. Os grandes atacam o fogo do ódio entre os pequenos e depois vão vender-lhes as armas para o combate. Quando vêem que eles estão quase desfeitos é que vão separá-los e mandam parar por algum tempo... para descansarem. Depois são capazes de atirar com mais material para reacender a fogueira. Bem dizia o cauteleiro fardado: «Ó Humanidade, para onde caminhas tu?».

— Olhe, sr. Torcato, quando eu estava em França, fui visitar um médico psiquiatra, isto é, um médico de doenças mentais. Ele deu-me a ceia e a dormida. Depois de ceia, estivemos umas horas na conversa, a falar em coisas de cá e de lá. A uma certa altura eu disse-lhe no meu francês:

Mr. le docteur, aujourd'hui tout le Monde a besoin de Psychiatrie; e ele respondeu imediatamente: «et de confesseur».

— Ó rapaz, troca lá isso em escudos, que eu de francês nada pesco.

— Então eu vou fazer-lhe o troco: Eu disse a uma certa altura: sr. Doutor, actualmente todo o mundo precisa de psiquiatra! e ele respondeu imediatamente: «e de confessor!».

— Ah! Ah! Ah!... essa veio a tempo. Realmente parece que o mundo anda doído e em pecado. Mas o pior é que o pecado já pesa pouco na consciência de muita gente.

— Tem razão, sr. Torcato. Olhe que eu há dias fiquei deveras revoltado quando li num jornal a notícia dum jogador de bola que vem lá do Perú para o Porto ganhar uma média de cinco contos por dia, quando há tantos pobres que nem cinco tostões têm para comprar um papo-seco. Que diz o sr. a isto?

— O que digo?... tudo fruto da mesma doença: Uns sofrem da pinha, outros sofrem da bola, o que é mais ou menos a mesma coisa e eu digo — ora bolas — para tudo isto.

— Mas eu, sr. Torcato, não disse só isso. Eu quando vi a notícia despejei logo mais dum navios de Raios, (Deus me perdõe), ao saber que há pessoas que se humilham a andar pelas ruas da cidade ou vila a pedir para a SOPA DO POBRES, e a receber más respostas, e outros a gastar fortunas com homens que têm por profissão andar aos pontapés a uma bola.

— Meu amigo, isto são sinais dos tempos. É o Poder das trevas a tentar lançar a escuridão nas almas. Mas, tenhamos Fé. Há-de chegar a hora em que o SOL da VERDADE alcance o triunfo final. Nós cá vamos cantando e rindo, ou gemendo e chorando, sem perder a Fé e a Esperança... Olha, João, não vale a pena estarmos com mais lamúrias. O melhor é irmos beber um cálice de aguardente para aquecer as tripas. Está tanto frio...

— Não diz mal, sr. Torcato. Vamos lá provar a cachaça para eu ir até ao vale das mantas, porque amanhã tenho de continuar a minha corrida para um lado e para o outro a tratar da minha vida e dos meus velhotes.

«Terra que não tenha instrução e educação, não pode ter progresso»

Vicinius

A. S.

A VERDADE FERRE... MAS LIBERTA!

(Continuado da pág. 1)

Há dias lemos num jornal:

«Girabolhos (Seia), 2 — Quando regressava de visitar uma família amiga e se dirigia à sua residência, cerca da meia noite, o sr. Vasco de Oliveira Pimenta, casado, desta localidade, cruzou-se com um grupo de quatro atrevidos que, a cantar, proferiram obscenidades.

O sr. Pimenta repreendeu-os e então foi selvaticamente agredido a soco, tendo de seguir para Paranhos da Beira, onde recebeu os primeiros socorros.

O caso foi participado em tribunal.

Lá estava: «repreendeu-os e foi selvaticamente agredido».

Neste como em tantos outros aspectos!

Nos tempos que correm sente-se o ambiente gélido da apatia perante tantos problemas sérios da vida. Há ambientes a agitar. O remédio é dizer as duras verdades. O remédio? Mas quantos o suportam? Quantos se não revoltam e agredem... como os tais de Girabolhos!

A realidade é que o doente, para se curar, tem de aceitar o medicamento por difícil que seja de tomar.

Ai do homem que, preso ao seu comodismo ou a posições falsas se nega a encarar a verdade, bem de frente, com toda a lealdade.

Olle' Lapruné, antigo professor de Paris, afirmava a propósito da verdade do cristianismo, que ele «pede um sacrifício de nós mesmos, a capacidade para preferirmos Deus e os outros a nós próprios».

Desapaixonadamente encaremos e aceitemos a Verdade que salva e que liberta. Ao encontrá-la encontra-se a autêntica alegria de viver.



VÓS, JOVENS, COM O VOSSO NATURAL DESAPEGO DO PASSADO, COM O VOSSO FÁCIL ESPÍRITO CRÍTICO, COM AS VOSSAS PREVISÕES INSTINTIVAS, COM A VOSSA OUSADIA NAS EMPRESAS HUMANAS E NOBRES E ELEVADAS, PODEIS ESTAR NA VANGUARDA PROFÉTICA DA CAUSA SIMULTÂNEA DA JUSTIÇA E DA PAZ.

PAULO VI

Confiemos na Juventude

O Papa tem falado ultimamente dos jovens do nosso tempo, com manifesto interesse e clara simpatia. Uma das últimas vezes foi no dia 12 de Agosto. Fê-lo sob a forma de conversa directa. Vamos reproduzir a parte mais significativa.

«Caros jovens, quereis ouvir algumas das nossas confidências a vosso respeito? Aliás, todos podem ouvir o que vamos dizer. Limitar-nos-emos só a três pontos, que adivinhamos presentes no vosso espírito.

Primeiro: estais numa fase em que tudo criticais. Sentis-vos com autoridade para criticar o mundo em que nascestes. Embora vos não falte o bem estar que este mundo proporciona, experimentais uma grande insatisfação. Instintivamente sois contestadores. Descobris principalmente as deficiências morais da nossa sociedade, sobretudo o egoísmo, a hipocrisia, o pragmatismo, a corrupção, o desperdício de recursos e pobreza dos objectivos, de ideais verdadeiros e de razões de viver. É a fase negativa.

Segundo: desta crítica, muitos de vós passais a uma fase positiva, que é a da descoberta. É necessário redescobrir certos valores que foram objecto de contestação, mas que são imprescindíveis para a vida, tais como a verdade, a honestidade, o domínio de si próprio, a personalidade, a amizade, o heroísmo, o amor, e ainda outros. Temos conhecimento de que alguns jovens se reúnem com a intenção de redescobrir, de modo original e autêntico, estes valores, numa atitude espiritual que se manifesta pelo silêncio interior, pela procura duma palavra viva e profunda, e pela tentativa de oração.

Terceiro: surge, por fim, a fase da tomada de posição. Não se vive sem escolher; e não se escolhe sem empenhar todas as energias pessoais, mesmo que isso se faça com toda a simplicidade. E o que é que se deve escolher? É aqui que pode ter lugar a descoberta de Cristo e de todos os magníficos valores evangélicos, valores pelos quais, não só vale a pena viver, mas até dar a vida. São eles a dignidade do homem, a verdade, a fé, a unidade, a paz, o amor, a graça, e muitos outros.

É assim que vos imaginemos, caros jovens, dominados por estes ideais, que não são enganadores, à semelhança daqueles

(Continua na pág. 3)

«O MEU QUARTO»

O meu quarto!
Meu mundo e meu abrigo
Onde me acolho
E onde a sós comigo
Me alegre, me lamento
E me encorajo... ..
O meu quarto!...
O quarto aonde moro
Onde vivo a alegria
E onde choro...
E até onde viajo!...
Como é prodigioso
O meu quartinho!
Sem dele sair
Eu vou do Algarve ao Minho
E à África distante
Aonde vivo,
Momento tropicais
Que não esqueço mais!
... ..
E tudo isto
No meu quarto de dormir!
... ..
É nele também
Que encontro meus AMIGOS...
Com quem falo,
Nos meus longos serões...
Ou em tardes amenas!...
Nas minhas longas cartas
Ou pequenas...
Carregadas de emoções!
Meu quarto!...
Meu mundo facetado...
Meu templo,
Meu palácio encantado!
Meu obrigado, meu posto...
Meu céu...
Meu conforto!

Julho, 1973.

Carta aos Jovens

Amigo:

O jovem é facilmente levado à contestação. Quer coisas novas num mundo novo. Dificilmente se adapta a sistemas traçados por outros. Os defeitos da nossa sociedade (o egoísmo, a hipocrisia, a exploração do fraco pelo forte, o hedonismo...) avivam ainda mais nele a tendência para a revolta e o inconformismo.

Esta tendência tem de ser orientada para não resvalar para o desespero para a negação de todos os valores tradicionais, como se o mundo fosse irrecuperável. É mais fácil condenar do que remediar, demolir do que construir, dizer mal do que fazer bem. Mais fácil porque se acomoda às tendências egoístas de que ninguém está isento.

Os defeitos não se curam com denunciá-los somente. Há muitas pessoas a denunciar e poucas a remediar. Muitos jornais sofrem do mesmo defeito. Sempre prontos a apontar os defeitos dos outros e não reparam na sua própria duplicidade. Assim, por exemplo, ao lado dum anúncio de cigarros aliciando o comprador, vemos outro a oferecer os seus serviços para desintoxicar os fumadores. Numa página lemos a notícia de roubos, assaltos, etc., e na outra o reclamo de filmes em que os autores de tais aventuras aparecem impunes e até como heróis...

É esta hipocrisia que todos, jovens e adultos, deviam saber denunciar com uma atitude construtiva, negando-se a alimentar com o seu dinheiro os ambientes onde tudo isto se vive. Está aqui um ponto fraco de muitos jovens. Gritam contra a hipocrisia e deixam-se embalar nos seus braços. Reclamam autodeterminação e deixam-se manobrar. Querem construir um mundo novo com coisas novas e são vítimas dum mundo velho cheio de coisas velhas: hipocrisia, hedonismo, desespero...

Bom jovem: O mundo novo que todos desejamos não se constrói com diatribes azedas e revoltas desgovernadas. Constrói-se no amor autêntico, que leva a procurar o bem dos outros à custa do próprio sacrifício. Segue este caminho e serás feliz. Se desejas alguma orientação, mormente vocacional, escreve-me para: Hospital Infantil — Montemor-o-Novo.

O amigo de sempre,

NUNO FILIPE

A POLUIÇÃO DE IDEIAS

Falamos hoje muito de poluição.

Poluição atmosférica, poluição sonora... Porém, temo-nos esquecido dum outro tipo de poluição ainda mais perigoso: a poluição das ideias.

Acontece com a poluição do ar, que nos habituamos às atmosferas mais impuras e as respiramos sem darmos conta disso.

Com a poluição das ideias acontece exactamente o mesmo. Actualmente estamos sujeitos a uma invasão de ideias, de conceitos, de noções que nos chegam com tal violência, que acabamos por não poder distinguí-las, «respirando» boas e más ideias indiferentemente.

Por todo o lado aparecem justificações de acontecimentos que estão errados e vão contra todos os princípios humanos. É o caso dos que com os seus livros põem em perigo a vida moral das sociedades, aprovando e aconselhando mesmo todos os excessos.

Um professor universitário que defende um suicídio, age friamente contra a vida humana, assim como o político que dedica a sua carreira ao consentimento da lei do aborto.

Passamos a entender a paz, como simples ausência de guerra.

O bem-estar reduz-se a um maior nível de vida e de consumo.

Tornamo-nos insensíveis à dor moral da Humanidade, tal como os que respiram uma atmosfera viciada se habituam a ela, e os que estão rodeados de barulho chegam a ignorá-lo.

É mais cómodo pensarmos nas grandes catástrofes, do que acudirmos às dores morais dos que partilham a vida, ombro a ombro connosco.

Nenhum homem é igual ao que era antes, depois de ter mergulhado na imoralidade, no ódio ou no mundo da droga.

É preciso que o Homem saiba impor limites, exactamente do mesmo modo pelo qual, antes de atravessar a estrada, olha com atenção para ver se há perigo.

É preciso que o Homem queira lutar contra a poluição.

PAULA FERREIRA MENDES
(Pedra do Ouro)

CARTA DE UMA ADOLESCENTE

Mãe querida, eu preciso desabafar! Sei que está muito ocupada e demasiado cansada. Mata-se com trabalho por nós. Não sabemos agradecer-lhe, mas todos lhe somos gratos.

A mãe precisa de saber que nós a queremos a si e não ao seu trabalho! Quem consegue conversar a sós com a mãe?

A mãe está sempre a ralhar: roupas sujas, mãos imundas, cabelos despenteados, objectos partidos, quarto desarrumado, estudos mal feitos ou atrasados... sempre as mesmas reclamações... eu já nem as escuto, pois sei tudo isso de cor.

Sabe o que está a faltar em nossa casa? O que nos falta é tempo, para conversarmos amigavelmente, intimamente a sós.

Quando volto do colégio, anseio por chegar perto da mãe e contar-lhe tudo:

coisas misteriosas que me disseram; meus namoros, meus sonhos de futuro... Mas a mãe está sempre tão ocupada!

Sei que o nosso jantar não se pode queimar, mas a mãe queima a alma com as suas frases impacientes: «Agora não posso ouvir nada... Espera, daqui a pouco já te atendo...» Há já anos, que a mãe me diz isto.

Mãe! O «daqui a pouco» nunca chega. E eu estou farta de esperar! A noite, quando os meus irmãos mais pequenos adormecem, se eu pudesse ficar a sós com a mãe eu lhe contaria tantas coisas! O livro que me impressionou, os segredos que fiquei conhecendo, até mesmo meus pecados... Tudo eu lhe diria... Mas a mãe nunca se sentou junto a mim, na beira da minha cama para conversarmos como amigos! Ah, minha querida mãe,

se soubesse a desordem que vai no meu coração! Se imaginasse quanto eu preciso dos seus conselhos, da sua experiência, da sua paciência para me escutar! Eu seria tão feliz se pudesse verificar que os meus problemas lhe interessam!

Eu tornar-me-ia boa, juro que me tornaria alguém, que me sentiria crescer, ajudaria muito mais a mãe e a todos.

Não se zangue, por favor, mãezinha querida, mas fale comigo, lembre-se que o meu coração precisa muito de si, sim?...
R. C.

«OS JOVENS TÊM EM SI MESMOS A CAPACIDADE, O ENGENHO, O ESPÍRITO DE DEDICAÇÃO E DE SACRIFÍCIO, PARA PODEREM DAR O SEU CONTRIBUTO PARA A SALVAÇÃO DOS IRMÃOS»

(Paulo VI)